conversas em
PSICOLOGIA
ISSN 2764-5053

Recebido em: 02/12/2025
Publicado em: 26/10/2026
DOI: https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v7n2.e001

A POTÊNCIA DA FALHA: PALHAÇOTERAPIA COMO PRÁTICA DE CUIDADO PARA CRIANÇAS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Beatriz Otília Sobreiro[1] Orcid: https://orcid.org/0009-0003-0398-4287
Guilherme Andrino Sanches[2] Orcid: https://orcid.org/0009-0004-2838-8673

RESUMO. A palhaçaria, enquanto prática de cuidado, constitui uma proposta de intervenção terapêutica disruptiva para crianças com transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e/ou deficiências, deslocando o foco do olhar clínico-diagnóstico para a subjetividade do sujeito e a potência do falhar humano. Este artigo, objetivou discutir sobre a palhaçoterapia como estratégia despatologizante, promotora de vínculos afetivos e de ampliação das possibilidades comunicativas infantis por meio do riso, do laço com o outro e da valorização do ridículo. A metodologia do estudo combinou pesquisa bibliográfica, revisão narrativa da literatura e relato de experiência de um projeto de extensão com crianças de 0 a 6 anos. A abordagem valorizou a observação participativa, o improviso e o afeto como estratégias para promoção de vínculos e ampliação de possibilidades comunicativas. Os resultados indicaram que a palhaçaria pode ampliar habilidades sociais e interativas e que, ao trabalhar a arte *clownesca,* a criança se permite familiaridade com a falha humana de origem inevitável. A postura do palhaço, centrada na improvisação e na valorização do erro, oportunizou diferentes meios de comunicação e existências, possibilitando que as crianças com desenvolvimento atípico vivessem o pertencimento e a expressão criativa. A prática promoveu um espaço no qual a criança foi valorizada além do diagnóstico. A

[1]Graduanda do Curso de Psicologia na Faculdades Pequeno Príncipe (FPP), bibiaotilia@gmail.com
[2]Mestre em Ensino nas Ciências da Saúde. Docente de Fisioterapia nas Faculdades Pequeno Príncipe (FPP). guilhermesanches773@gmail.com.

conclusão reforçou que a palhaçoterapia é uma intervenção transformadora para o cuidado no autismo, pois reorienta o foco do controle de sintomas para a potência do erro como construtor de vínculos. A prática promove dignidade, inclusão e possibilidades criativas de estar com o outro, embora ainda seja necessário o desenvolvimento de estudos longitudinais para avaliar seus efeitos emocionais e relacionais ao longo do tempo.

Palavras-chave: Palhaçoterapia; Palhaçaria; Criança; Autismo.

THE POWER OF FAILURE: CLOWN THERAPY AS A CARE PRACTICE FOR CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT. Clown therapy, as a practice of care constitutes a proposal for a disruptive therapeutic intervention for children with neurodevelopmental disorders, such as Autism Spectrum Disorder (ASD), and/or disabilities, shifting the focus from a clinical-diagnostic view to the subject's subjectivity and the power of human failure. This article aimed to discuss clown therapy as a depathologizing strategy that promotes affective bonds and expands children's communicative possibilities through laughter, connection with others, and the appreciation of the ridiculous. The study's methodology combined a bibliographical search, a narrative literature review, and an experience report from an outreach project with children aged 0 to 6 years. The approach emphasized participant observation, improvisation, and affection as strategies for fostering bonds and broadening communicative possibilities. The results indicated that clowning can enhance social and interactive skills, and that by engaging with clown art, children allow themselves to become familiar with the inevitable nature of human failure. The clown's posture, centered on improvisation and valuing error, provided alternative means of communication and existence, enabling neurodivergent children to experience belonging and creative expression. The practice promoted a space in which the child was valued beyond their diagnosis. The conclusion reinforced that clown therapy is a transformative intervention in autism care, as it shifts the focus from symptom control to the potential of error as a bond builder. Although longitudinal studies are still needed to evaluate its

emotional and relational effects over time, the practice promotes dignity, inclusion, and creative ways of being with others.

Keywords: Clown Therapy; Clowning; Child; Autism.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a compreensão do autismo, bem como qualquer outro transtorno que atravessa a infância, tem sido fortemente marcada por classificações que enfatizam déficits, comportamentos desviantes e critérios diagnósticos rígidos, o que frequentemente restringem a criança ao seu laudo clínico e invalida suas formas singulares de existência e comunicação (Coelho e Neves, 2023). Nesse cenário, torna-se necessário investigar práticas de cuidado que reconheçam a complexidade do neurodesenvolvimento e rompam com lógicas patologizantes, abrindo espaço para experiências lúdicas, afetivas e criativas (Coelho e Neves, 2023). A palhaçaria, entendida aqui como prática artística que encontra potência na falha, no exagero e no ridículo, apresenta-se como uma dessas possibilidades, pois redireciona o foco da correção de comportamentos para a construção de vínculos e para o reconhecimento das múltiplas linguagens infantis, inclusive aquelas com oralidade restrita (Bruhn *et al*., 2019).

Inserido nesse debate, este estudo configurou-se como uma pesquisa básica, de caráter exploratório e descritivo (Flick, 2009; Gil, 2002), articulando referenciais teóricos sobre palhaçaria, brincar, desenvolvimento infantil e autismo. A investigação, segundo Rother (2007), adotou uma abordagem qualitativa com uso de pesquisa bibliográfica e revisão narrativa da literatura, a partir de artigos e livros que discutem tanto a história e a lógica do palhaço quanto às especificidades do cuidado no autismo. Diante da escassez de produções científicas que tratam diretamente a interface proposta no presente artigo, foram incluídas obras de áreas afins, com o intuito de suprir lacunas e sustentar uma reflexão crítica sobre práticas de cuidado que valorizam a subjetividade da criança e a dimensão relacionada ao desenvolvimento.

Além da revisão teórica, o trabalho incorporou um relato de experiência desenvolvido em um projeto de extensão sobre palhaçoterapia, realizado com crianças de

0 a 6 anos com diferentes deficiências e transtornos do neurodesenvolvimento, em uma instituição voltada à estimulação precoce. Nesse contexto, foram registradas interações, jogos e brincadeiras mediadas pela palhaçaria, com ênfase na postura de observador participativo e na construção de vínculos por meio do riso, do improviso e da disponibilidade afetiva. A análise dos registros, acompanhada dos princípios da análise de conteúdo, buscou identificar categorias e sentidos apontados às experiências vividas, de modo a evidenciar como o corpo exagerado, o gesto falho e o ridículo podem se tornam vias de comunicação e de afabilidade com crianças cuja expressividade nem sempre se dá pela palavra. Ressalta-se aqui o palhaço como aquele que impera a sensibilidade e o encontro sobre a razão (Bruhn *et al*., 2019).

Este artigo objetivou discutir em que medida a palhaçoterapia, ao tomar a falha e o ridículo como fundamento, pode constituir uma prática de cuidado despatologizante com crianças com TEA. Ao articular fundamentação teórica e relato de experiência, buscou-se problematizar práticas atuais centradas exclusivamente na normalização de comportamentos, como discutido por Coelho e Neves (2023). Apontou-se a palhaçoterapia como um espaço acolhedor e não invasivo, no qual a criança é reconhecida para além do diagnóstico e convidada a experimentar outras formas de estar com o outro, favorecendo vínculos, ampliando as possibilidades comunicativas e envolvendo o trabalho com o corpo.

METODOLOGIA

Este estudo configurou-se como uma pesquisa básica, de caráter exploratório e descritivo, conforme definido por Flick (2009) e Gil (2002), buscando compreender e caracterizar a palhaçaria como prática de cuidado. A abordagem foi qualitativa, com a utilização da pesquisa bibliográfica, articulada a uma revisão narrativa da literatura compreendida como o levantamento, seleção e análise de obras, livros e artigos científicos (Rother, 2007).

O trabalho incluiu, também, um relato de experiência desenvolvido no projeto de extensão da faculdade, do qual foram registradas interações e práticas lúdicas com crianças com desenvolvimento atípico. A análise dos dados seguiu os princípios da

análise de conteúdo, método que, segundo Bardin (2016), identifica categorias e significados presentes nas expressões observadas, permitindo compreender o potencial terapêutico da palhaçaria.

Em relação ao procedimento de busca, elegeu-se as bases de dados: SciELO, PePsic e PubMed para a busca e identificação dos referenciais bibliográficos. Utilizaram-se os descritores "palhaçoterapia" OR "palhaçaria" OR "palhaço" AND "criança" OR "primeira infância" OR "brincar" AND "autismo" com os referidos operadores booleanos, com filtros para artigos em português, publicados nos últimos doze anos, excluso a teoria que fundamenta a metodologia, de acesso aberto e relacionados ao tema proposto. A busca resultou em 15 artigos, dos quais 8 atenderam aos critérios de pertinência temática para este estudo.

Além dos artigos selecionados, foram utilizados 04 livros que abordam temáticas como: crianças com o Transtorno do Espectro Autista (Tavares, 2019; American Psychiatric Association, 2023), desenvolvimento infantil (Tavares, 2019; Shaffer e Kipp, 2011), e aspectos socioculturais da sociedade (Han, 2017), publicados nos últimos 15 anos, a fim de suprir lacunas evidenciadas na literatura disponível e permitir uma articulação teórica mais consistente com o objeto de estudo.

O PALHAÇO ENQUANTO FIGURA ERRANTE

A figura do palhaço, tal como se reconhece no circo moderno, consolidou-se por volta de 1800 com Joseph Grimaldi, que reuniu características de personagens da *Commedia dell'arte,* como *Arlecchino* e *Pierrot*. Nesse desenvolvimento, destacam-se dois tipos centrais: o *Clown* Branco e o Augusto. O Branco simboliza a figura do "bom homem", marcado pela elegância, por um figurino sofisticado e maquiagem branca que cobre todo o rosto. Enquanto o Augusto representa o oposto: a personificação do desajeitado, inadequado aos espaços por onde circula e associado à comicidade do erro e do excesso. Sua maquiagem cobre apenas parte do rosto e há uma desproporção entre o corpo e a roupa quanto a própria caracterização de "imbecilidade" atribuída ao personagem. Essa figura, com seus movimentos descompassados e aparência exagerada, torna-se um dos elementos centrais da comicidade circense, perpetuando no picadeiro a

lógica do contraste e da inversão (Zaim-de Melo, Godoy e Braccialli, 2020).

Apesar de sua formalização circense, o palhaço tem raízes mais antigas, sendo associado a figuras como bufões, arlequins e bobos da corte. O cômico é compreendido como uma das profissões mais antigas, cujo papel principal é provocar o riso e aliviar tensões (Bruhn *et al*., 2019).

Essa perspectiva dialoga com a análise de Han (2017) sobre a sociedade contemporânea do desempenho, marcada pela lógica disciplinar e exigência produtivista, que transforma cada indivíduo em um "projeto exaustivo de si mesmo". O corpo social exige rigidez e molda o sujeito para ser politicamente dócil (obediente), o que força o corpo a abandonar sua liberdade e naturalidade para se enquadrar em padrões e obter aceitação. Em oposição, figuras como o palhaço usam a expressividade como seu maior valor e conquistam a aprovação alheia corporificando intencionalmente o ridículo, o descompasso e o impreciso. Para essa figura, tudo transborda pelo corpo, sua expressividade é seu repertório mais valioso em cena (Braccialli, Melo e Bortoleto, 2019). Retoma-se aqui o *Clown* Branco, intocado e sofisticado como o sujeito produtivista. E o Augusto como aquele que foge das lógicas convencionais da sociedade em que racionaliza tudo que acontece (Zaim-de Melo, Godoy e Braccialli, 2020).

A partir da intensificação do eu, encenando fracassos, exagerando gestos e expondo o ridículo, o riso compartilhado emergiu como possibilidade de relação autêntica. A risada, portanto, é mais do que uma reação biológica: funciona como ferramenta que afasta o medo e cria encontros alegres e vínculos (Bruhn *et al*., 2019).

Segundo Angelos *et al*. (2025), a palhaçoterapia é uma prática com impacto significativo para o autoconhecimento, a aceitação pessoal e a exposição daqueles que desenvolvem suas "personas-palhaços". Esse efeito está diretamente articulado ao modo como a palhaçaria se estrutura: para Bruhn *et al.* (2019), trata-se de um encontro construído no improviso, um processo constante de vir-a-ser em movimento, marcado pelo riso compartilhado com alguém.

Nesse sentido, as atividades circenses que compõem a palhaçaria, tais como: malabarismo, dramatização, acrobacias e recursos expressivos, permitem que cada pessoa encontre, dentro de suas potencialidades e limitações, uma forma de se relacionar com o própria corporalidade. Trata-se de vivenciar o corpo que cai, tropeça, se arrasta e

escandaliza os gestos com naturalidade. Experiência que dialoga diretamente com o ato de brincar (Zaim-de Melo, Godoy e Braccialli, 2020). Essa aproximação remete às reflexões de Araújo e Ribeiro (2020) e Morais e Murari (2022), que compreendem a brincadeira como um ato lúdico que ultrapassa a imaginação e articula sentimentos, ideias e elementos concretos do cotidiano. Pelo brincar, a criança expressa emoções, explora criatividade e estabelece formas alternativas de comunicação, permitindo ao adulto acessar seus medos, limites e potencialidades. No faz de conta, ela recria e ressignifica suas vivências, o que evidencia como a palhaçaria constitui um espaço potencial de trocas significativas entre adultos e crianças.

Essa dimensão relacional permite aproximar a palhaçaria do conceito de "cuidado suficientemente bom". Patrício e Minayo (2020) o descrevem como intencional, afetuoso e ajustado às necessidades do outro, não baseado na perfeição, mas na presença e na escuta qualificada. Tais características se alinham diretamente com o modo como o clown se relaciona com a criança, oferecendo um ambiente acolhedor, responsivo e aberto à espontaneidade.

Além disso, esse zelo favorece que a criança descubra suas potencialidades ao explorar seu corpo e o ambiente, identificando tanto o que consegue realizar de forma autônoma quanto quando necessita da mediação de um adulto. Isso valoriza a experiência autônoma da criança como motor de seu próprio desenvolvimento (Patrício e Minayo, 2020). Essa mediação, conforme Shaffer e Kipp (2011), alinhada à perspectiva sociocultural de Vygotsky, é fundamental para a evolução da criança, pois é por meio da interação com alguém mais experiente que ela internaliza conhecimentos e transforma ações inicialmente compartilhadas em competências independentes.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é definido, segundo o Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5-TR) (American Psychiatric Association, 2023), como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, com início precoce. Entretanto, há críticas ao modo como o DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2023), organiza os transtornos em categorias rígidas e abrangentes, o que pode reduzir a complexidade subjetiva da criança a um conjunto de sintomas e comportamentos padronizados (Coelho e Neves, 2023). Tal

perspectiva, tende a patologizar modos singulares de existir e negligência a dimensão relacional, histórica e ambiental que participa da constituição psíquica. Para Tavares (2019), a compreensão do autismo deve ser situada em uma perspectiva epigenética, na qual fatores genéticos e ambientais se articulam de modo decisivo na constituição do sujeito.

Na abordagem psicanalítica, o autismo é compreendido como uma modalidade particular de relação com o outro, marcada por dificuldades na construção das primeiras trocas afetivas e comunicativas. Para Tavares (2019), o profissional que trabalha com crianças autistas deve sustentar uma disponibilidade afetiva que permita a formação de vínculo, dessa forma a criança pode experimentar novas possibilidades de relação.

Parafraseando Bruhn *et al*. (2019) por fim, a palhaçaria se caracteriza pela sensibilidade do encontro e em sua flexibilidade de tecer outras lógicas de existência, se tornando um recurso terapêutico potente para as infâncias atípicas. Tavares (2019), afirma que cabe ao profissional criar condições para que o brincar ou, neste caso, o "palhaçar" aconteça, possibilitando que a criança explore, se comunique e construa experiências afetivas mediadas pela relação com o outro.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA DISCENTE-PALHAÇA

A análise dos resultados e das discussões apresentadas nesta seção emerge da articulação entre o referencial teórico com a vivência em campo. É importante reconhecer, porém, que as palavras aqui registradas oferecem apenas uma aproximação do que foi vivido: qualquer tentativa de descrever uma experiência corre o risco de aprisioná-la em frases polidas que jamais alcançam a densidade do encontro real. Ainda assim, buscou-se traduzir, tanto quanto possível, os sentidos produzidos no processo, preservando sua dimensão subjetiva e a complexidade que o trabalho em campo inevitavelmente convoca.

O projeto de extensão que fundamenta a escrita deste artigo foi realizado semanalmente, às quartas-feiras, no período de agosto a novembro, sob orientação de um docente responsável de uma instituição de ensino superior localizada em Curitiba-PR, Brasil. A iniciativa contou com a participação de 17 discentes dos cursos de Medicina,

Fisioterapia, Psicologia, Enfermagem e Farmácia, e teve como objetivo levar afeto e diversão a crianças em situação de vulnerabilidade por meio da palhaçaria enquanto prática artística e relacional.

Nos encontros ocorridos entre o final de agosto e o início de outubro, foram desenvolvidas dinâmicas integrativas com enfoque no lúdico, na expressão corporal, na improvisação, na manifestação de sentimentos e emoções e na criação de personas *clownescas*. Tais dinâmicas estimularam os participantes a ampliarem seu repertório para a atuação na palhaçaria e para a construção desta figura dentro da linguagem artística.

O repertório trabalhado em sala promoveu maior flexibilidade nas habilidades sociais e interativas dos discentes. Relatos espontâneos indicaram que as atividades contribuíram para a atuação no projeto, aspectos pessoais, como melhor manejo da timidez, maior domínio da improvisação e maior segurança ao falar em público.

A intervenção prática ocorreu em uma instituição destinada ao atendimento de crianças de 0 a 6 anos com diferentes deficiências, com foco em detecção e estimulação precoce. Devido ao grande número de participantes, foi necessária a divisão dos discentes em dois grupos. As visitas foram realizadas quinzenalmente também às quartas, no horário de 13h30 às 15h, entre o início de outubro e meados de novembro.

As atividades desenvolvidas com as crianças incluíram bolhas de sabão, musicoterapia, modelagem de bexigas, pequenos passeios e um circuito de movimento. Diante da variedade de estímulos, percebeu-se que atuar como observador participativo era mais eficaz do que conduzir diretamente as ações da criança. Essa postura possibilitou compreender suas preferências e modos próprios de interação, considerando limitações decorrentes de deficiências e do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tal abordagem dialoga com Bruhn *et al*. (2019), que compreendem a palhaçaria como um encontro improvisado, construído no "vir-a-ser" e na disponibilidade para o outro.

A observação participativa mostrou-se uma ferramenta importante, dada a natureza pontual das idas ao campo, que limitava o tempo necessário para a formação de vínculo. Participar do gira-gira, brincar com espadas de bexiga, fazer caretas e gestos exagerados configurou uma forma significativa de envolvimento afetivo. Essas interações remetem à lógica *clownesca* descrita por Zaim-de-Melo, Godoy e Braccialli (2020), na

qual o gesto falho, o exagero e o ridículo tornam-se vias acessíveis de comunicação, sobretudo para crianças cuja expressividade não é predominantemente falada.

Durante as atividades recreativas, observou-se uma prática recorrente entre alguns educadores e cuidadores da instituição: em alguns momentos, o diagnóstico era mencionado antes mesmo do nome da criança, acompanhado de comentários como "não adiantava tentar" a interação, pois "elas não falam". Essa tendência carrega uma implicação patologizante: ao colocar o diagnóstico no lugar do nome, a criança é reduzida à sua condição clínica, um dos efeitos que a lógica classificatória do DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2023) sustenta: uma visão predominantemente descritiva, centrada em déficits e comportamentos desviantes, que tende a organizar a pessoa em rótulos diagnósticos, sendo que, para aqueles que fogem da normatividade imposta pela sociedade lhe é designado o papel de patológico.

A palhaçaria se afasta dessa lógica, pois se fundamenta na valorização da singularidade e na abertura para formas diversas de comunicação. Buscou-se enfatizar que crianças com deficiência ou transtornos do neurodesenvolvimento possuem modos próprios de expressar-se. Balbucios, olhares e gestos comunicam, e exigem sensibilidade do adulto para serem compreendidos. Assim, a intenção dos discentes-palhaços não era obter respostas faladas estruturadas, mas demonstrar disponibilidade, atenção e interesse. Princípios que, na palhaçaria, sustentam a construção do encontro alegre.

Para crianças com TEA com maiores necessidades de suporte, o palhaço é de extrema valia, pois concede o saber de experimentar falhas sem punição, apresentando possibilidades de existências que fogem à normatividade imposta pelo corpo social (Zaim-de-Melo, Godoy e Braccialli 2020). Nesse sentido, a falha humana tem um propósito terapêutico estruturante, pois a palhaçaria se torna uma via na qual a criança pode experimentar, simbolizar e reconstruir a experiência de estar com o outro.

Durante a primeira visita, ocorreu uma interação marcante com uma criança identificada como C1 (criança 1). C1 aproximou-se fazendo caretas, balbuciando alto e movimentando as mãos diante do rosto. Eu respondi imitando e exagerando seus gestos, inspirada nos princípios da palhaçaria. C1 demonstrou divertimento e passou a me acompanhar. Em visitas posteriores, retomou espontaneamente a brincadeira, sinalizando a construção de um singelo vínculo. A iniciativa partiu de C1, e coube a mim compreendê-

la e ampliá-la por meio do repertório *clownesco*, reiterando a noção de que o vínculo surge no improviso e no riso compartilhado (Bruhn *et al*., 2019).

Houve momentos em que a referida criança batia com as mãos na cabeça de colegas ou de discentes. Quando isso ocorreu comigo, dramatizei um choro exagerado, deitando no chão e estendendo os membros. C1 ajoelhou-se ao meu lado e passou os dedos no topo da minha cabeça, gesto que interpretei como carinho. Por meio da linguagem corporal da palhaçaria e da dramatização, busquei demonstrar que o ato de bater poderia machucar. O *clown* transforma o erro em comunicação; o faz de conta permite à criança reorganizar narrativas e compreender o corpo como meio expressivo: ele sente e se comunica, como discutido por Araújo e Ribeiro (2020) e Morais e Murari (2022).

Notou-se a alegria das crianças ao receber e brincar com bexigas moldadas em formato de espadas. Frequentemente fantasiavam ser piratas, iniciando perseguições e jogos de "pega-pega". Em certa ocasião, um dos meninos me disse que eu era sua princesa e que iria me proteger, iniciando uma disputa lúdica com um discente-palhaço que interpretava o "Capitão Gancho". Mesmo cansadas, as crianças solicitavam a continuidade da brincadeira, integrando outras ao jogo. Isso evidencia a importância da entonação exagerada, da movimentação corporal e da dramatização de papéis na palhaçaria para favorecer interações grupais.

Identificou-se também que algumas crianças demonstravam maior disposição para interagir com discentes que já participavam do projeto há mais tempo. Uma criança de aproximadamente seis anos permanecia por mais tempo em brincadeiras com uma discente-palhaça que já o conhecia de outras visitas e se comunicava ativamente com ele: o chamava pelo nome, abraçava e fazia palhaçadas. Esse interesse é constituído pelo vínculo, essencial para o ser humano.

A construção desse cuidado intencional possibilita à criança sentir-se percebida, valorizada e incluída. É por meio das primeiras relações que o sujeito se insere no campo social e simbólico, sendo reconhecido como portador de necessidades biológicas, culturais e afetivas. Essa observação dialoga com Tavares (2019), que destaca a importância da disponibilidade afetiva do profissional que atua com crianças autistas para a formação de vínculos que permitam novas possibilidades de relação.

Assim, a palhaçaria pode ser compreendida como um prolongamento do espaço potencial de "cuidado suficientemente bom" descrito por Patrício e Minayo (2020), no qual o improviso, o gesto e a gargalhada criam condições férteis de encontro. No contexto da extensão, o palhaço oferece uma presença ajustada, acolhedora e não invasiva, modulada às necessidades da criança.

O aspecto central dessa intervenção reside na capacidade do clown de transformar a falha em ponto de conexão social. A figura do palhaço, ainda que inoportuna em suas tentativas de socialização, reorganiza modos de expressão e constrói sua performance na improvisação. Dessa forma, a palhaçaria acolhe a criança com TEA em sua singularidade e oferece uma metodologia sensível que potencializa a expressividade e a capacidade de se relacionar, fazendo do erro a matéria-prima da interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender a palhaçoterapia como prática de cuidado e intervenção com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando seu caráter não patologizante e sua aposta no ridículo e no erro como potências de encontro. Em vez de reduzir a criança a rótulos diagnósticos ou a comportamentos considerados "desviantes", a palhaçaria desloca o foco do déficit para a singularidade, transformando tropeços, desajustes e estranhezas em matéria relacional. As experiências realizadas na instituição evidenciaram que, quando o palhaço se posiciona como observador participativo e parceiro de brincadeiras, abre-se um espaço no qual a criança com TEA pode experimentar modos próprios de expressão, sem a ameaça constante de correção ou inadequação.

Os resultados apontaram que a lógica *clownesca*, baseada no exagero, na falha e no improviso, constitui uma via de comunicação acessível para crianças cuja expressividade não é prioritariamente verbal. Balbucios, movimentos bruscos, repetições, caretas e até comportamentos inicialmente interpretados como agressivos passam a ser compreendidos como formas de linguagem que podem ser acolhidas e ressignificadas no jogo cênico. Para crianças com maiores necessidades de suporte, esse enquadre não punitivo permite vivenciar a própria falha sem vergonha, favorecendo a construção de um

senso de pertencimento que não depende da adequação às normas hegemônicas. A intervenção com C1 ilustrou esse processo: ao transformar o gesto de bater em dramatização cômica, abriu-se espaço para que ele descobrisse outras maneiras de tocar, reparar e se relacionar, reconhecendo o corpo como meio comunicativo e não apenas como sede de "sintomas".

À luz de Tavares (2019), observa-se que o vínculo é condição essencial para qualquer intervenção com crianças com transtornos do neurodesenvolvimento, pois é pela disponibilidade afetiva estável que elas se sentem seguras para arriscar novos modos de relação. Nesse contexto, a palhaçaria revela-se especialmente potente por construir vínculos por meio da presença sensível e responsiva. Esse cuidado dignifica o olhar direcionado à criança: ela se percebe vista, valorizada e digna de atenção, possibilitando que novas formas de interação se criem. Assim, a extensão universitária em palhaçaria funciona como prolongamento desse espaço potencial, articulando improviso, riso e acolhimento da falha em uma prática que favorece tanto o desenvolvimento infantil quanto a formação ética dos estudantes envolvidos.

Contudo, é importante reconhecer as limitações deste estudo. A escassez de produções científicas que discutem especificamente a interface entre palhaçaria e crianças com autismo ou deficiências em bases consolidadas restringiu o diálogo com a literatura especializada, exigindo o recurso a livros de áreas afins, o que, embora enriqueça a discussão, não substitui investigações empíricas sistematizadas e focadas nesse recorte. Ademais, as idas ao campo foram pontuais, restringindo a construção de vínculos e a observação de efeitos prolongados. Portanto, embora os achados sejam promissores, não permitem generalizações amplas, devendo ser entendidos como contribuição inicial ao tema.

Diante disso, recomenda-se o desenvolvimento de novas investigações que aprofundem o potencial da palhaçoterapia como intervenção não patologizante para crianças com transtornos do neurodesenvolvimento e com deficiências invisíveis ou não. Estudos longitudinais poderiam avaliar seus efeitos emocionais, relacionais e comunicacionais ao longo do tempo, considerando diferentes níveis de suporte dentro do espectro. Estudos sobre a formação de palhaços que atuam com esse público e sobre a articulação da palhaçaria com outras abordagens de cuidado também podem contribuir

para referenciais mais sólidos. A inclusão das perspectivas de famílias, cuidadores e equipes multiprofissionais se mostra igualmente essencial para ampliar a compreensão sobre desafios e potenciais dessa prática. Em síntese, os achados sugerem que, ao valorizar a falha humana e transformar o ridículo em força de encontro, a palhaçoterapia apresenta um caminho promissor para o cuidado no autismo, reorientando o foco para a construção de vínculos, dignidade e possibilidades criativas de estar com o outro.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5-TR. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ANGELOS, I. de S. D. dos**.** *et al*. Palhaçoterapia como ferramenta interdisciplinar para a humanização hospitalar: reflexões e desafios. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 18, n. 9, p. 01-23, 2025. Disponível em: https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/20798$. Acesso em: 10 ago. 2025.

ARAÚJO, M. da S; RIBEIRO, I. B. A brincadeira como principal agente no processo de desenvolvimento. **Revista Encontros Científicos Univs**, Ceará, v. 2, n. 1, Edição Especial - I Encontro Internacional Online de Psicologia da Univs, 2020. Disponível em: https://rec.univs.edu.br/index.php/rec/article/view/78f. Acesso em: 30 set. 2025.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo São Paulo**: Edições 70, 2016

BRACCIALLI, F; MELO, C. C; BORTOLETO, M. A. C. Pedagogia do palhaço: relato de uma extensão universitária. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL REFLEXÕES CÊNICAS CONTEMPORÂNEAS, 8, 2019. Anais. Campinas: Cocen, v. 4. p. 1-7, 2019. Disponível em: https://orion.nics.unicamp.br/index.php/simposiorfc/pt_BR/article/view/662. Acesso em: 23 out. 2025

BRUHN M. M. *et al.* Psicologia, palhaçaria e psicodrama: construção coletiva de aprendizados e intervenções. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 27, n. 1, pp. 65-74, jan.-jun., 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932019000100007. Acesso em: 01 out. 2025.

COELHO, L.; NEVES, T. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. **Saúde e Sociedade,** São Paulo, v. 32, n. 3, e220850pt, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/fyMHcpTnkbqQ3qgDhCbLTWz/?lang=pt. Acesso em: 30 nov. 2025.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 128 p.

MORAIS, K. T. de B.; MURARI, M. M. Desenvolvimento na primeira infância: a brincadeira, e suas intervenções que favorecem o desenvolvimento infantil em tal faixa etária. **Revista Científica Unilago**, v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/322. Acesso em: 30 out. 2025.

PATRICIO, S. F.; MINAYO, M. C. de S. Por um cuidado suficientemente bom na primeira infância: algumas reflexões. **Cadernos de psicanálise**. Rio de Janeiro , v. 42, n. 43, p. 265-284, dez. 2020 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952020000200015&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 set. 2025.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática × revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem,** São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/. Acesso em: 01 nov. 2025.

SHAFFER, D. R.; KIPP, K. In: Desenvolvimento cognitivo: a teoria de Piaget e a visão sociocultural de Vygotski. ***Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência***. São Paulo: Cengage Learning, 2011. cap. 7, p. 311-321.

TAVARES, T. A. **O brincar na clínica psicanalítica de crianças com autismo**. Editora Bluncher, 2019. Acesso em: 10 nov. 2025

ZAIM-DE-MELO, R; DE GODOY, L. B; BRACCIALLI, F. Quando o nariz vermelho se encontra com a Educação Física: potencialidades do palhaço como conteúdo na escola. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1–20, 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e76909. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/76909. Acesso em: 19 nov. 2025.